

Chega de falar de mim...

Jancee Dunn

Chega de falar de mim...

As aventuras de uma repórter da Rolling Stone
entre as celebridades absurdamente famosas

Tradução
Newton Padovani

Jancee Dunn

Copyright © 2006 Jancee Dunn

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers,
New York, NY. Todos os direitos reservados.

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Ana Miadaira**

Diagramação **Caroline Biscaino de Melo**

Preparação **Alessandra Miranda de Sá**

Revisão **Cristiane Goular**

Telma Baeza G. Dias

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D939c

Dunn, Jancee

Chega de falar de mim... — : As aventuras de uma repórter da Rolling Stone
entre as celebridades absurdamente famosas / Jancee Dunn ; [tradução Newton
Padovani]. - 1.ed. - São Paulo : Panda Books, 2007.

1. Dunn, Jancee. 2. Jornalistas - Estados Unidos - Biografia. 3. Celebridades
- Estados Unidos - Anedotas. I. Título.

07-2390.

CDD: 920.5

CDU: 929:070(73)

2007

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

I'm nobody! Who are you?
Are you nobody too?

Emily Dickinson

Como parecer animada em uma entrevista com uma banda de ressaca e mal-humorada



Aproxime-se cautelosamente. Muitas vezes, os membros da banda acabaram de acordar, ainda que seja o meio da tarde. Não se mostre muito animadinho. Evite iniciar a entrevista com comentários que possam soar paternais demais: “Parece que alguém andou dormindo tarde!”. Tenha à mão sempre algumas pastilhas para mau hálito, no caso de um deles ter acabado de vomitar ou negligenciado a escovação dos dentes. A higiene oral não faz muito o estilo rock’n’roll, por isso esteja sempre preparado.

Assim que o grupo estiver acomodado, e enquanto o empresário da banda estiver distribuindo energéticos e aspirinas, repasse mentalmente o conceito do álbum acústico que a banda lançou somente na Alemanha; assim eles saberão que você entrou no clima deles. Entretanto, inevitavelmente, sua exaustiva tentativa de empreender um diálogo resultará em grunhidos e respostas monossilábicas; é uma maneira de se protegerem e de passar a imagem de mais um grupo pop para adolescentes. O grupo vai dizer, palavra após palavra, que o objetivo deles é fazer música, e não transar com meninas, fazer vídeos, ganhar bebidas de graça ou se hospedar em hotéis luxuosos. Também é dessa maneira que eles fazem você entender que esse tipo de entrevista não passa de uma amolação e que estariam muito mais felizes ensaiando em alguma garagem. Atenção! É aqui que você deve usar artilharia pesada. *Concentre-se apenas no baterista.* Ria como louco das piadas dele. Devote-lhe toda a atenção do mundo e mostre

interesse quando ele expuser suas idéias, por mais casuais que sejam. Movimente a cabeça e diga coisas do tipo:

– Eu nunca tinha pensado sobre isso antes, mas você está absolutamente certo – a bateria é *sem dúvida* uma metáfora da vida.

Escute com êxtase enquanto ele fala sobre a genialidade e o carisma de John Bonham¹.

Com o baterista perdido nos próprios devaneios, mas superexcitado sob seu incontrolável olhar de admiração, os outros caras da banda – principalmente o vocalista, que até então parecia mudo – vão ficar um pouco confusos e, digamos, um tanto aborrecidos. Finalmente, o espírito competitivo assumirá o comando e eles vão brigar pela sua atenção, vão falar sobre as divertidas histórias sobre fãs e contar piadinhas de origem duvidosa.

Lembre-se: não use as citações do baterista na sua matéria.

1.

Eu estou com 15 anos. Vou pela primeira vez a um show sem a companhia dos meus pais. Isso me emociona por uma série de razões. Uma, porque fui convidada pela Cindy Patzau, a garota mais glamorosa de todo o segundo grau da minha escola, que ainda agora reluzia como uma estrela após a sua apresentação na última festa do colégio, na qual ela fizera uma performance dramática da Cindy Lauper em “Time after time”. Vestida com um corpete preto agarrado, na frente de toda a escola... Ela era a minha heroína.

– Quer que eu vá com você? – balbuciei quando ela me convidou. Eu me sentava com alunos populares no refeitório do colégio, mas com certeza eu não era a rainha da cocada preta. Quando tirei meu aparelho dos dentes naquele ano, ninguém percebeu por uma semana; entretanto, foi só a Liz Kincaid aparecer sem os dela para gerar muita gritaria e estardalhaço nos corredores. Durante o último ano do primeiro grau fui votada como a Palhaça da Classe, mas na verdade eu lutava pelo título de Melhores Pernas (que Jill Shores conseguiu não sei como). Ser a palhaça da classe tinha um certo brilho, mas não é exatamente o que uma garota almeja quando está no final do segundo grau. Quando a Cindy me ligou, eu me encontrava em certa instabilidade social devido a uma recente gafe que cometera em uma festa. Estava apoiada contra a parede, na fila do banheiro, quando um veterano chamado Mark, o Tudo, do time de futebol, que sempre usava tênis da Adidas e

¹ Baterista do Led Zeppelin, também conhecido como Bonzo. (N.T.)

gostava do The Clash, se materializou atrás de mim. Ele sorriu maliciosamente e perguntou:

– Segurando a parede?

Agora me fale... qual é a réplica mordaz e afiada para “segurando a parede”? Fiquei parada de boca aberta olhando fixamente para ele enquanto todos na fila se cutucavam esperando a minha marca registrada – a resposta brilhante. Segurando a parede. Segurando a parede. As estações do ano passavam na minha frente. As folhas das árvores lá fora secaram, caíram, a árvore floresceu, e as folhas secaram novamente. Segurando. Parede. Então, de repente, Mark virou e começou a conversar com outra garota. Tchou, tchau, Rat Pack². Olá, vida de animadora de festinhas de fim de ano!

– Esse show!!! – quase gritei para Cindy. Minhas palavras saíram de minha boca como se uma sirene tivesse soado “Esssiiii xôôôôu!”. Apressei-me em limpar minha garganta e rapidamente confirmei:

– Só nós duas? Você e eu? – certamente ela diria que havia mais gente na jogada.

– Sim – ela respondeu com serenidade. – Sei que você tem bom gosto musical, por isso o convite não vai ser desperdiçado.

Enquanto eu processava a informação, ouvi um clique de um telefone sendo retirado da extensão do quarto dos meus pais. Com certeza era Dinah, minha irmã mais nova. E eu podia afirmar isso só de ouvir a respiração dela. Tinha de fazê-la desligar o telefone naquele momento, senão seria minha ruína, e tinha de fazer isso de modo que Dinah fosse pega de surpresa. Eu precisava assustá-la. Lentamente fui em direção ao corredor para ter uma visão dos quartos do andar de cima. Como nós éramos em três irmãs, o fio do telefone da cozinha já tinha uns dez metros de tanto a gente esticar para conseguir um pouco de privacidade.

Recentemente minha outra irmã, Heather, tinha dado um jei-

² Legendário grupo de artistas comediantes de Hollywood formado por Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr., Peter Lawford e Joey Bishop, entre os anos 1950 e 1960. (N. T.)

to de chegar até o guarda-roupa, assim ela podia tratar de seus “negócios” com privacidade, principalmente porque aproveitava as roupas que estavam lá dentro para abafar a sua voz. Segurei o fio delicadamente, mas com firmeza, e engatinhei até onde eu pudesse observar Dinah no quarto dos meus pais. Abanei minhas mãos vigorosamente até ela se virar.

– *Desliga isso agora!* – gritei para ela. Dinah ficou dura feito pedra, mas não desligou o telefone.

Enquanto eu lutava para que meu nervosismo não transparecesse, Cindy soltou a bomba:

– O show será na Universidade de Haverford, na Pensilvânia. Minha irmã vai com a gente. – Isso queria dizer que nós iríamos cruzar os limites de Nova Jersey, e ainda por cima passar a noite em um alojamento!

– Legal – respondi, como se isso fosse supernormal. – Tô dentro! – Eu podia ouvir claramente a respiração de Dinah na extensão. Ela sabia, assim como eu, que eu teria de me debulhar em lágrimas para convencer meu pai a me deixar ir. “Me escuta, velho...” (na época ele tinha 39 anos). Imaginei-me dizendo severamente: “Eu vou. Ah, sim... Eu vou mesmo!”

Uma semana depois do frenesi das negociações com meus pais, eu estava autorizada a ir com Cindy para Haverford. Uma noite antes, depois de uma turnê de ida e volta ao banheiro causada por distúrbios gastrintestinais devido à ansiedade de poder ficar tanto tempo com uma VIP do calibre de Cindy (e isso seria vitalício), retirei-me para meu quarto para arrumar minha mala.

Logo em seguida, um toc-toc tímido na minha porta anunciou minhas irmãs Heather e Dinah.

– Humm... será que nós podemos ficar aqui vendo você arrumar as malas? – perguntou Dinah.

– Por quê? Querem dar um pouco de agito e colorido pra vidinha de vocês, é isso? – retruquei em tom de brincadeira. Aos 15 anos, eu ainda tinha poder de persuasão sobre minhas irmãs. Só às vezes elas eram autorizadas a entrar no meu quarto-santuário, e apenas

para eu extorquir um pouco de dinheiro delas. Era o dia que eu abria a “lojinha”. Antes, anunciava:

– Venda: hoje, às cinco horas! – assim elas podiam procurar dinheiro no quarto, pedir um adiantamento da mesada à mamãe ou fazer um empréstimo com alguma amiga. Nesse meio-tempo eu fazia um apanhado nas minhas gavetas em busca de badulaques dos quais eu queria me livrar: uma coleção gasta de Wacky Pacs, um vidro de Enjoly meio vazio, um jogo de pulseiras de borracha da Madonna... Enquanto elas se contorciam de vontade de entrar no quarto, loucas para ver o que esperava por elas, eu ainda tinha coragem de pedir mais cinco minutinhos, só para aumentar a ansiedade...

– Nossa! Tem muita coisa boa aqui, muita mesmo... Eu nem devia vender algumas delas.

No final, eu abria a porta e elas entravam correndo se acotovelando. Durante um desses bazares, minha mãe olhou pela porta com os braços cruzados e com a boca franzida:

– Você devia se envergonhar de fazer uma coisa dessas com as suas irmãs.

– Por quê? Por dar um pouco de agito e colorido pra vidinha delas? – perguntei com naturalidade enquanto fechava a porta.

Eu também dava aulas. As aulas de balé custavam cinqüenta centavos de dólar, setenta e cinco para as aulas especiais. Para essa trapça eu gravava em um CD: “Coloque o dedão do pé para a frente e para trás; agora repita”. Quando minhas “alunas” chegavam, eu apertava o play e ia embora. Só sentia um aperto quando Heather dizia:

– Eu não queria que você tivesse ido embora. A gente queria tanto poder ficar com você.

Outra fonte de renda importante eram os “Seminários de apreciação musical”. Enquanto elas ficavam sentadas de pernas cruzadas no chão, eu perguntava:

– Agora vocês se lembram de quem é este? – e cuidadosamente colocava no toca-CD “Crimes of passion”.

– Blondie? – sugeriu Heather fazendo uma careta.

– Pat Benatar – respondia, sucintamente, andando pra frente e para trás. – Essa música se chama “Treat me right”. Pat é de Long Island. Ela era garçonete. Está saindo com seu guitarrista, Neil Giraldo. Entenderam? Dinah! Você está anotando tudo?

Mas agora era uma hora em que não me interessava a grana delas. Por isso me concentrei e continuei arrumando minha mala enquanto elas me observavam de fora do quarto.

– Nós temos biscoitos – Heather disse. – Acabei de fazer. São biscoitos açucarados.

Tirados de uma velha receita do livro *Better homes and gardens*, os biscoitos açucarados eram a especialidade da família. Tinham uma coloração branca ofuscante graças ao açúcar de confeitiro, farinha de trigo, e xícaras e xícaras de açúcar. Faminta, abri a porta. Elas pularam na minha cama e nós três devoramos os biscoitos, que ainda estavam quentinhos. Em seguida, depois de ter elevado o nível de glicose no sangue até não sei onde, voltei a meu majestoso trabalho. Levantei da cama e abri a porta do meu guarda-roupa.

– Preciso escolher a roupa com que vou ao show. O que será que eu posso fazer para arrasar?

– Você fica bem de qualquer jeito – Heather disse, assim que eu levantei um par de calças de lycra azul-piscina. Heather é cinco anos mais nova que eu e por isso ela era mais fácil de agradar. A minha diferença de idade com Dinah era de apenas dois anos, por isso seus elogios foram menos efusivos.

– E se eu for de pijama? – perguntei meio entediada, só para ver a reação dela. – Você acha que ia ser legal vestir meu conjuntinho de flanela cor-de-rosa?

– Por que você não vai com a calça do seu melhor moletom? – Dinah aconselhou. Só em Nova Jersey você poderia ter moletom para ocasiões “especiais”. – E se prometer tomar cuidado, deixo você usar minha camiseta Hard Rock London.

– Com chinelos? – perguntei.

– Não. Meias, mas não meias comuns. Use meias de cano curtinho... ficariam ótimas – Dinah respondeu.

– E se algum carinha da faculdade der em cima você? – perguntou Heather, pulando na cama.

Isso não aconteceria, principalmente depois de eu ter feito permanente no cabelo. Mesmo para os padrões de Nova Jersey, eles ficaram tão volumosos e impenetráveis que pareciam mais um arbusto, mas é claro que eu não ia dizer isso às minhas irmãs.

– Ora, vou fazer o que eu *sempre* faço nesses casos, digo que já tenho namorado – comentei como se fosse óbvio.

Depois de tocar as duas para fora do quarto, escrevi uma lista de potenciais tópicos a serem discutidos com a Cindy no caso de rolar uma falta de assunto básica.

Você não acha que o Daniel Boone ficaria melhor sem bigode?

O que você acha de polainas?

Você assiste a All my children? Se a resposta fosse positiva:

Você não acha que Jenny e Greg são um casal perfeito? (Se a resposta fosse “não”: Por que não?)

Você quer ir a minha casa assistir ao episódio especial, quando Jenny e Greg se casam? Ah... não vai dar? Você vai ter aula de hockey... Tudo bem, não era uma boa idéia mesmo.

No dia seguinte, após uma exaustiva viagem até a Pensilvânia (dá pra acreditar que eu tive coragem de dizer a Cindy, depois de ter esgotado a minha listinha de assuntos, que ela parecia com a Hedy Lamarr?), nós finalmente chegamos ao local do show. Lentamente minha ficha foi caindo... Esse era o meu primeiro show!!! As pessoas do alojamento pareciam irrealis. Será que eles sabem onde a gente pode achar cigarro de cravo? Será que eles cortam esse cabelo assimétrico em casa ou em um cabeleireiro? Depois de uma eternidade, chegamos à porta. Dei uma respirada profunda e encarei o meu primeiro show.

– Jancee, vamos tentar ficar pertinho do conjunto – disse Cindy. Eu estava apavorada com a multidão, mas tinha de impressioná-la, então lá fui eu desenfreadamente pelo meio das pessoas, seguindo em frente até chegar a um ponto seguro próximo ao palco. A multidão começava a se aquecer, os técnicos terminavam os últimos preparativos, as luzes começavam a piscar. Eu não acreditava que estava ali. Queria tanto isso para minha vida! Eu queria isso para mim todo dia, toda noite da minha vida!

Foi então que um fecho de luz focou o centro do palco e o apresentador gritou as palavras que mudaram toda a minha vida:

– Moçada! Vocês estão preparados para o que vem aí? THE HOOTERS!

Momento crucial: a hora de abrir o canal de comunicação



Quando você encontrar uma celebridade para uma entrevista, lembre-se do seguinte: nunca, sob hipótese nenhuma, comece com conversa-fiada. Se o que você deseja é um olhar de peixe morto e um sorriso amarelo, é só começar com “Eu sou seu maior fã”. Aliás, nunca, mas nunca mesmo, comece com a palavra “eu”. Não faça comentários do tipo “Essa música tocou na minha formatura”, ou “Essa música tocou no meu casamento”. Eles não estão interessados nesse besteiro, e isso não vai render nada para você, exceto se a música tiver tocado no dia em que você perdeu a virgindade. Nesse caso, a informação pode servir como arma para quebrar o gelo. Mas não se esqueça de que esse comentário não vai surtir o mesmo efeito em todas as bandas.

Tenha em mente que lhe sobrarão apenas um ou dois minutos para tocar no assunto principal da entrevista. Por isso, os primeiros minutos serão fundamentais para que a relação celebridade–mais um jornalista funcione. Pessoas famosas são como bala puxa-puxa. Eles só são flexíveis e maleáveis por um breve momento; depois se tornam fechados e desagradáveis. Você então começará a receber respostas monossilábicas, e os olhos deles vão começar a procurar o empresário para que ele os salve. Esse é um período crítico para o entrevistador, razão por que você deve evitar as armadilhas clássicas. Iniciar uma conversa com bajulação (“Você está tão bem! Estava de férias?”) é um chavão comum que deixará qualquer um aborrecido.

Não seja, portanto, mais um se juntando ao coro. Bajulação para os famosos soa como chiado em programa de televisão.

Nunca mencione que o seu entrevistado parece “tão diferente” pessoalmente; dizer isso é extremamente óbvio e artificial. Fazer comentários como “Você parece mais magro”, ou “mais jovem” pode ser mal-interpretado por quem ouve (“Quer dizer que eu não estou bem?”). São coisas que celebridades ouvem frequentemente de fãs na rua, e que não esperam ouvir de um entrevistador. Evite parecer ser mais um adorador; caso contrário, as expressões do seu entrevistado se congelarão em um insípido, senão ligeiramente exasperado, jogo de caras e bocas. Em nove ou dez minutos, especialmente se o entrevistado for um ator, ele dará um jeito de desaparecer da sua frente como se estivesse atuando num filme. Outra coisa sobre a qual você não deve falar: mesmo que dê a entender que ser baixinho é muito fofo, a estrela que você está entrevistando não entenderá desse modo. Em geral, as pessoas parecem maiores em fotos do que pessoalmente, mas isso só é agradável de escutar entre ouvidos de simples mortais como nós. Entretanto, quando se está falando com uma celebridade, vai sempre soar assim: “Você é gordo e tampinha, e vai perder o emprego para outra pessoa mais alinhada”.

Se o entrevistado for um músico, não dê opinião sobre suas letras de música. Outra coisa: nunca compare as composições dele com as de outras bandas, principalmente porque isso é dar murro em ponta de faca (se você comparar com uma banda de nível superior, eles podem se sentir acuados em responder; se comparar com uma inferior, pode parecer um insulto). Se a banda for do tipo “um único sucesso”, evite mencionar essa música, porque, é claro, eles estão interessados em divulgar os sucessos que ficaram no esquecimento.

Quando entrevistar alguém mais velho que você, evite falar coisas como “Meus pais adoram o seu trabalho”, ou que o disco tal foi o primeiro que você comprou quando estava na quinta série. Se está mais do que claro que o melhor trabalho desse artista está num passado remoto, nem mencione os “clássicos” mais recentes, ou ele poderá se assustar. Tente manter-se sempre no presente, ainda

que o último lançamento seja uma gravaçãozinha que só foi lançada na internet por uma gravadora do primo do vocalista.

Agora que você já sabe quais tópicos constrangedores deve evitar nos minutos críticos de início de uma entrevista, vamos ver como se faz para capturar a atenção de uma pessoa sem bajulá-la e parecer, ao mesmo tempo, verdadeira. Primeiro tente surpreender o entrevistado com algum fato divertido sobre ele. Se você mergulhou em um mar de informações e fofocas sobre *ele* ao preparar a entrevista, vai se esbaldar. Sua celebridade poderá envolver seus assistentes na conversa, já que eles estão sempre por perto, falando alto e próximo dos famosos. Eles virão correndo se juntar à entrevista. E é nessa hora que a festa começa...

Faça uma pesquisa minuciosa e tente levantar pormenores de todos os fatos da vida da celebridade, como se estivesse diante de um pergaminho encontrado no mar Morto. Jogue iscas para conseguir algum furo, qualquer novidade que tenha ficado esquecida ou que o empresário da banda não tenha divulgado. Eles costumam ser mencionados em cursos de estudo de mídia na universidade? Lembre-se de que um respaldo intelectual garante credibilidade. Eles são fãs de alguma celebridade? Você não pode esquecer dessa pergunta! Ou melhor, faça você mesma a armação. Caso tenha uma entrevista agendada para dias depois, pergunte à estrela sobre a banda que você vai entrevistar nos dias seguintes, sem esquecer de fazer o mesmo com a outra banda (questionando o que eles acham da pessoa que você entrevistou dias antes). Invariavelmente, as respostas são sempre inofensivas e amenas. Desse modo, você já tem dose suficiente de bajulação para despejar sobre a banda sem parecer artificial.

Certa vez, antes de entrevistar os atores de *Friends*, o motorista do táxi que me pegou no aeroporto estava ouvindo o programa de Howard Stern, que, como sempre, dissecava o último episódio transmitido. Tomei nota de tudo, sabendo que os atores não podiam ouvi-lo naquele momento porque deveriam estar em gravação. Quando os encontrei na hora do jantar para a entrevista, falei sobre as impressões de Howard Stern. Como Howard é alguém influente

e confiável, a cujo respeito todos têm sempre uma opinião a expressar, a entrevista se tornou, daí em diante, uma animada conversa... enquanto eu tomava nota de tudo!

Qualquer coisa é melhor do que “Oi, tudo bem?” para iniciar uma entrevista. Perguntar isso é sempre uma perda de tempo, a não ser que você queira ouvir como resposta um óbvio “Tudo”, ou, quem sabe, um “Tudo bom”. E se você parar pra pensar, depois da resposta estará no exato lugar onde estava antes da pergunta: em nenhum lugar. Ao entrevistar a Britney Spears em uma das gravações do Saturday night live, em Nova York, entreguei um kit para imprensa que eu havia recebido do empresário de uma cantora loira adolescente que se intitulava “a nova Britney Spears”. Bem, se essa fosse uma entrevista normal, com o empresário, o seu assistente, o relações-públicas e mais um punhado de assessores, todos se juntariam para estudar o caso e dar uma réplica bem apropriada. O que aconteceu foi algo parecido, embora não houvesse nenhum assessor nem relações-públicas por perto. Britney chamou a secretária (melhor amiga da mãe dela), Felicia, que apareceu com um *milk-shake* de morango tamanho gigante do Mc Donald’s para Britney. Um maquiador que passava fez uns comentários sobre a “Mini-Me” sem graça da Britney... Bons tempos aqueles!

Fatos divertidos e engraçados geralmente aparecem por acidente. Antes de tomar o avião para Nashville, para uma conversa com Dolly Parton, estava na academia fazendo esteira e lendo a *Harper’s Bazaar* quando, de repente, vi uma entrevista com Donatella Versace, na qual lhe perguntaram quem ela gostaria de vestir. A resposta? Dolly Parton. BINGO! Além de a *Harper’s Bazaar* ter acabado de sair nas bancas, eu apostaria que essa verdadeira bíblia da cultura *fashion* não fazia parte da leitura de cabeceira de Dolly Parton.

Mesmo sendo uma veterana em entrevistas, precisava dar uma “amaciada” em Dolly Parton – sem ofendê-la, claro! Após nossas apresentações, revelei a notícia divertida sobre Donatella.

– O queêê? – ela berrou. – Bom, que tal isto: as roupas dela provavelmente são muito bregas para mim. Você não acha?